



“TIRE O SEU PIERCING DO CAMINHO QUE EU QUERO PASSAR”: O DISPOSITIVO PODER-SABER SOBRE O SUJEITO MODERNO EM ZECA BALEIRO



"TAKE YOUR PIERCING OF THE WAY I WANT TO PASS": THE DEVICE CAN-KNOW ABOUT THE MODERN SUBJECT IN ZECA BALEIRO

Anísio Batista PEREIRA
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maurício Divino Nascimento LIMA
Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 22/05/2019 • APROVADO EM 06/11/2019

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o sujeito materializado no discurso da canção Piercing, de Zeca Baleiro, músico integrante da Música Popular Brasileira (doravante MPB). Como recorte teórico-metodológico para a análise, amparamo-nos em postulados da Análise do Discurso de vertente francesa, mais precisamente nos conceitos de sujeito, discurso, poder e subjetividade, que se apresentam em Michel Foucault. Pela leitura do corpus, é possível detectar um sujeito que se constitui no contexto das práticas discursivas atuais, pelo consumismo, individualismo e resistência. Evidencia-se a estratégia poder-saber, levando em consideração a ordem discursiva condizente com a atualidade, uma vez que o

Abstract

The present work aims to reflect on the subject materialized in the speech of the song *Piercing*, by Zeca Baleiro, a member of Brazilian Popular Music (henceforth MPB). As a theoretical-methodological clipping for the analysis, we rely on the postulates of Discourse Analysis of French, more precisely on the concepts of subject, discourse, power and subjectivity, which are presented in Michel Foucault. By reading the corpus, it is possible to detect a subject that is constituted in the context of current discursive practices, by consumerism, individualism and resistance. The power-knowledge strategy is evidenced, taking into account the discursive order in keeping with the present time, since the subject is constituted, from the perspective of the theoretical-methodological support adopted, from its relations of power and knowledge crossed by history.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Poder-saber. *Piercing*.

KEYWORDS: Subject. Power-to-know. *Piercing*.

Texto integral

O gênero musical denominado Música Popular Brasileira (MPB) tem suas raízes na década de 1960, e como marco inicial a chamada Bossa Nova. Além disso, relacionado ao aspecto da Bossa Nova, outro fator considerado relevante para a emergência da MPB foi a União Nacional dos Estudantes. Nesse contexto, considera-se a ascensão desse gênero musical como tentativa de se produzir uma música genuinamente brasileira. Ressalte-se que a chamada MPB surge no contexto político da ditadura, em que a censura procura moldar, de certa forma, as formas de expressão, sobretudo artístico-musicais. A partir da década de 1980, percebe-se uma abertura política e, conseqüentemente, cultural, em que as expressões artísticas, sobretudo pela música, se dão de forma mais direta.

Dessa forma, considerando essa arte musical em tempos mais modernos, selecionou-se a letra da música *Piercing*, do compositor e intérprete Zeca Baleiro, a fim de se realizar um estudo discursivo, com base na concepção de sujeito e discurso abordados por Foucault. A letra foi composta em 1999 e pertence ao álbum *Vô Imbolá*, abordando questões da modernidade, tais como o consumismo, contendo, assim, um teor crítico no seu discurso. Assim, considera-se a letra como um recorte significativo para a compreensão do discurso e, principalmente, para observar como se dá a constituição do sujeito moderno¹.

Ressalte-se que a pauta discursiva materializada na letra da canção apela principalmente para o consumismo e novos experimentos, tendo o sujeito jovem como

centro desse posicionamento que apresenta suas raízes, de certa forma, no denominado “rock dos anos 1980”, em que os jovens anseiam por novas formas de subjetivação. O uso de drogas, sexo sem compromisso (surgimento da AIDS) e maneiras subversivas de se manter o visual (cabelos longos para homens, calças rasgadas, saias curtas) caracterizam uma geração que, com o advento da (re)democracia política, se sentem mais livres e utilizam a música como forma de resistências. Nessa direção, na atualidade várias letras musicais abordam esse comportamento, digamos, “exagerado” da juventude e hábitos como a tatuagem, uso de piercing, ditam moda no cenário social, contornando os corpos e configurando subjetividades nos tempos modernos que, de certa forma, mantêm laços com produções passadas, como as de 1980, por exemplo.

Pensando nessa problemática discursiva em relação a uma abordagem sobre as práticas discursivas e a construção de subjetividades na música referida, de início serão abordados os conceitos escolhidos para operacionalização da análise, tais como sujeito, discurso, relações de poder e subjetividade, de acordo com os estudos de Michel Foucault, bem como as noções de dispositivo de poder-saber e também de seus jogos e exercício de biopoder, conceitos que consideramos importantes para a análise. Por último, será feita a análise discursiva dos enunciados que compõem a letra da canção supracitada, delineando as discussões para as considerações finais.

1 UM PASSEIO PELO SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

O discurso na concepção foucaultiana é produzido a partir das relações de poder, considerando que o sujeito se constitui por meio dessas relações com outros sujeitos e com outros discursos. Historicamente constituído, o sujeito não é estático, assim como os enunciados apresentam sua marca na dispersão, e seus sentidos são plásticos, isto é, são desestabilizados, apagados e ressurgem em outros momentos na história, em diferentes condições de possibilidade. Essa desestabilidade discursiva vincula-se à noção de um sujeito não estático, mas sempre em processo de formação, tendo em vista os discursos, os regimes de verdade que são propagados em determinada época, que provocam subjetivações diferenciadas de acordo com essas variáveis vigentes. O sujeito, a partir dessa perspectiva, é histórico.

Nesse contexto, considera-se a história como um fator essencial para a constituição dos sentidos no discurso, Veyne (2014, p. 16) aponta que o discurso para Foucault é “a descrição mais precisa, mais concisa de uma formação histórica em sua nudez, é a atualização de sua última diferença individual”. Por sua vez, Foucault (2014b, p. 14) compreende que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar”. Sendo assim, analisar o sujeito discursivo presente nesta composição de Baleiro é verificar em quais jogos de poder esse sujeito é aprisionado, e quais dispositivos operam nesse regime de verdades, determinando o

que é “ideal” e o que é “nocivo”. Isto é, trata-se dos jogos de verdade que determina, a cada momento, aquilo que pode ou não ser dito ou tomado como verdadeiro na esfera da sociedade.

As palavras dos autores nos levam a considerar que o contexto histórico-discursivo é determinante para os efeitos de sentido produzidos por um determinado discurso. Isto significa que um conjunto de regras anônimas determina quando e onde um enunciado pode ser dito, e há sempre um sujeito autorizado a fazê-lo, pois de acordo com Foucault (2014b, p. 8-9) “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Nesse sentido, quem estaria autorizado a criticar os padrões pré-estabelecidos de uma sociedade, senão um sujeito discursivo inscrito naquela conjuntura? É esse pertencimento que permite que o sujeito discursivo na composição de Baleiro se posicione de maneira crítica em relação às práticas discursivas da contemporaneidade. Esse posicionamento entra no jogo das relações de poder, que se dá no âmbito de microfísicas e sujeitos livres, com possibilidade de resistência como resultado dessa relação.

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. (FOUCAULT, 2010, p. 232)

A partir dessas considerações, vale ressaltar, também, que não há uma única verdade operante na sociedade, mas uma infinidade de discursos que circulam, de forma dispersa, distintos quanto ao seu teor de verdade. Existem discursos, inclusive, antagônicos, que coexistem e resultam em formações de subjetividades distintas².

A partir dos estudos de Foucault a respeito do discurso, percebe-se que essas regras não são completamente anônimas. A constituição de um sujeito, e logo, dos discursos nos quais ele se inscreve são delimitados pelo que se pode chamar de dispositivo de poder-saber. Sendo que, em sua leitura de Foucault, Veyne (2014, p. 166) afirma que um “certo regime e certas práticas formam um dispositivo de poder-saber que inscreve no real o que não existe”. Percebe-se, portanto, por que falar de regimes de verdade ao analisar os enunciados, pois qual é a verdade sobre o consumo, sobre a moda? A verdade que rege os corpos que aparecem em *Piercing*? Nessa direção, Courtine (2013) entra em consonância com Foucault no que tange ao método arqueogenealógico para se pensar o corpo, pois na história dos corpos, as práticas discursivas entram em cena.

Se a análise dos enunciados dessa letra musical leva à elucidação dos dispositivos que regem o sujeito discursivo, esse trabalho, por sua vez, direciona à problematização de um exercício de biopoder. Uma vez que, se há crítica, ou seja,

resistência, é porque há exercício de um poder legítimo. Biopoder, de acordo com Foucault (2011), é o controle exercido sobre a vida, é o que torna sujeitos em corpos dóceis e produtivos. Todavia, não se trata de um poder totalmente repressivo ou institucional, ele se manifesta em microesferas por meio de seus dispositivos de poder-saber. Logo, seguindo essa linha de pensamento, Veyne (2014, p. 167) ilustra que poder:

É a capacidade de conduzir não fisicamente os comportamentos alheios, de fazer as pessoas andarem sem colocar os pés e as pernas delas na posição adequada. É a coisa mais quotidiana e mais partilhada; há poder na família, entre dois amantes, no escritório, no ateliê e nas ruas de mão única.

Por outro lado, é possível considerar, de acordo com Fernandes (2012), que o poder não é algo do qual se possa tomar posse, trata-se de um mecanismo que funciona por meio de práticas, ou seja, há relação de força entre os sujeitos. Ao fazer essa leitura de Foucault, Fernandes (2012, p. 52) assevera que o poder “[...] é marcado por dispersão, sofre intermediações, apoios recíprocos etc., e integra um sistema de diferenças, próprio à coexistência dos sujeitos, e, assim como o discurso, funciona por meio de práticas, é exercido”.

Esse pressuposto sugere que o exercício de um poder interpela o indivíduo em sujeito, de acordo com as considerações foucaultianas. O sujeito do discurso se constitui, dessa forma, pelo dispositivo de poder-saber que o delimita em um determinado lugar na ordem do discurso. O dispositivo opera sobre o sujeito, controlando suas práticas, seus atos, levando-o a se posicionar de uma determinada forma e não de outra em relação ao seu tempo. Seguindo essa linha de pensamento, Courtine (2013, p. 27) diz que dispositivo é um “[...] conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, e ditos e não ditos”.

Portanto, as palavras de Veyne (2014) e Courtine (2012) entram em consonância com as considerações de Fernandes (2012) ao esboçar sobre o exercício de um poder (nesse caso, o biopoder) sobre o sujeito discursivo, por meio de um dispositivo de poder-saber. Uma vez que, o dispositivo de poder-saber determina um regime de verdades sobre os corpos, o consumo, a política... Nessa perspectiva, considera-se que um sujeito interpelado pelo exercício de um poder, ora pode se inscrever nele, ora pode resistir a ele.

Segundo Foucault (2014a), o posicionamento de um sujeito pode ser observado dado às suas condições de possibilidade, que são dadas histórico-discursivamente, sendo que, um lugar que um sujeito ocupa em um determinado discurso não é jamais alheio ao seu tempo, à sua política e jogos de poder. Um sujeito discursivo é judaico-cristão segundo um certo domínio de regras, contemporâneo segundo os dispositivos de poder-saber que inscrevem a sua prática em tal conjuntura. Esse lugar ocupado pelo sujeito discursivo não é jamais invisível, flutuante, é delimitado e marcado de acordo com suas regras de existência. Desse modo, Foucault (2014a, p. 63) assevera:

As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação.

Observa-se nas palavras do autor o processo de constituição do sujeito dado por dispositivos de poder-saber, considerando que há um jogo de poder. Uma vez que, de acordo com Foucault (2014b) todo enunciado responde a uma rede de enunciados, o que implica em relações de força, não do campo físico, mas na ordem do discurso. Essas considerações sublinham a ideia de que o sujeito é marcado por atravessamentos, isto é, mantém relação com outros sujeitos e com outros discursos para se constituir.

No contexto da constituição do sujeito moderno, como ponto central para nossa análise do corpus, pensamos que as considerações de Bauman (2001; 2008) podem ser úteis no sentido de entrarem em consonância com as formulações sobre a constituição do sujeito na perspectiva foucaultiana, que apresentam seu suporte na história. Esse sujeito que se dá de forma deslocada historicamente pode ser evidenciado a partir da concepção pós-moderna (da atualidade) do sujeito, tendo em vista vários aspectos que o evidenciam, como consumismo, tema abordado por Bauman (2008) que coloca o sujeito na condição de subordinado às mercadorias, individualismo, globalização, enfim, elementos tomados como “líquidos”, que não se fixam no tempo e espaço dados, mas que se transformam de forma rápida.

Nessa concepção, esse sujeito deslocado que se apresenta nas problematizações do nosso teórico chave, Michel Foucault, ganha sentido no contexto atual de constituição pelas relações de saber e de poder que imperam na conjuntura atual. As práticas discursivas do mundo moderno se dispersam de forma rápida, a fluidez das relações e subjetivações muda-se e se transforma em velocidade acelerada, caracterizando a denominada modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

Ainda sobre esses conceitos de discurso e sujeito, considera-se a memória discursiva, como sendo um discurso rebuscado dentro do outro. Isto é, um discurso dito anteriormente em dado momento histórico e que é elencado em outro para fins de sentido (COURTINE, 2009). Vale dizer que esse discurso pré-estabelecido (memória) ganha novo sentido no discurso em que está inserido, tendo sua ligação com a história, o momento em que foi dito. Essa memória, no dizer do autor, não está relacionada à mente, mas uma memória social vinculada à produção discursiva do passado e que (res)urge nas práticas do presente como efeitos de memória, cujo sentido é desestabilizado de acordo com suas condições de possibilidades de sua vigência.

Pensando nessa dimensão teórico-metodológica com base em Michel Foucault Dessa forma, considerando esses elementos mencionados, segue a leitura da letra da

música de Zeca Baleiro, *Piercing*, procurando investigar a constituição desse sujeito moderno, suas complexidades, como se percebe na materialidade da letra.

3 O SUJEITO E O DISPOSITIVO PODER-SABER EM *PIERCING*, DE ZECA BALEIRO

A letra musical em estudo, *Piercing*, integra o álbum *Vô Imbolá*, lançado em 1999, de Zeca Baleiro. Em relação ao compositor e intérprete da música escolhida para análise, trata-se de um compositor e cantor brasileiro. Além dessas funções, exerce também o papel de cronista. Quanto ao seu estilo musical, pertence ao segmento MPB (Música Popular Brasileira).

Na canção supracitada, é possível notar várias temáticas no que tange ao sujeito moderno (da atualidade), sobretudo o consumismo, a individualidade e a crise de valores do mundo atual. Trata-se de um rap, estilo musical cuja característica peculiar é a crítica social. Alguns aspectos ditos como verdades absolutas, tais como ciência e religião, são colocados em xeque, destacando o sujeito com sua existência dada pelo materialismo.

"Quando o homem inventou a roda
logo Deus inventou o freio,
um dia, um feio inventou a moda,
e toda roda amou o feio"
Tire o seu piercing do caminho
Que eu quero passar
Quero passar com a minha dor

Os enunciados acima inauguram o discurso relacionado ao sujeito consumista da atualidade. Em “um dia, um feio inventou a moda,”/”e toda roda amou o feio” aponta para um discurso consumista, já que a moda pode ser entendida como um regime de práticas discursivas, pois se trata de um grupo de pessoas que se adere a um mesmo estilo de vestimenta. A respeito do discurso consumista, o sociólogo Zygmunt Bauman (2008, p. 41) tece uma análise dessa prática, praticamente, normativa na pós-modernidade:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime” transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um

papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.

Dialogando com a análise do discurso na perspectiva histórica foucaultiana, os apontamentos de Bauman (2008) sugerem que, na pós-modernidade, o consumismo se tornou um dispositivo de poder-saber, uma vez que, o consumo se tornou uma verdade para os sujeitos, e é essa prática que os qualifica como indivíduos pertencentes à essa temporalidade histórica. Há jogos de poder, pois, não se trata de uma mera vontade individual, trata-se de uma subjetividade produzida discursivamente. Consumir não é uma escolha, o sujeito é aprisionado por um jogo que determina que ele deve consumir, e essa prática lhe garante um lugar nessa nova ordem, por isso o consumismo pode ser reconhecido como um dispositivo. E não apenas isso, ele funciona diretamente como uma estratégia de biopoder, sendo que, indivíduos que seguem a “moda” são úteis à sociedade consumista.

Esse sujeito da moda é sublinhado em “Tire seu piercing do caminho”. Ao mesmo tempo, “tirar o piercing do caminho” representa apelo sexual, uma vez que esse objeto é colocado, geralmente, em partes estratégicas do corpo. O próprio termo título da canção, situa esse sujeito à história, às condições de possibilidade que se direcionam para a moda, isto é, para uma arqueogenealogia desse corpo em cena (COURTINE, 2013).

Pra elevar minhas ideias não preciso de incenso
Eu existo porque penso
tenso por isso existo
São sete as chagas de cristo
São muitos os meus pecados
Satanás condecorado

Nesse discurso, é revelado um sujeito que joga com a religião e o pecado, isto é, entre o sagrado e o profano. Considerando a concepção de memória discursiva proposta por Courtine (2009), remete-se a Cristo e a Satanás, mas além disso, à filosofia descartiana ao enunciar que “Eu existo porque penso”/“tenso por isso existo”. Trata-se de uma memória discursiva em que o sujeito busca, na história, um pensamento do filósofo Descartes: “penso, logo existo”. É evidenciado um jogo de palavras em “penso” e “tenso”, em referência a esse sujeito moderno. Percebe-se, por meio desses enunciados de negação que um sujeito discursivo resiste ao exercício de algum poder, como da religião, uma vez que, atravessado por uma rede de enunciados dessa ordem “são sete as chagas de cristo”, da filosofia, ao reescrever o enunciado “penso, logo existo”. Como se sabe, religião e filosofia constituem dispositivos que consagram saberes em verdades, o sujeito pós-moderno em *Piercing* questiona essas verdades. É nessa conjuntura que se

pode compreender a afirmação de Foucault (2011, p. 49) que só há poder onde há uma verdade:

[...] lá onde existe poder, lá onde é preciso que exista poder, lá se quer mostrar que é efetivamente ali que reside o poder, e bem, é preciso que exista verdadeiro; e lá onde não existe o verdadeiro, lá onde não existe a manifestação do verdadeiro, então é porque ali o poder não está, ou é muito fraco ou é incapaz de ser poder.

Pensando nos postulados de Foucault (2010), a resistência a esses dispositivos de poder-saber de consumo, político, religioso e ao exercício de biopoder prossegue nos enunciados canção:

na tv tem um programa
 Nunca mais a velha chama
 Nunca mais o céu do lado
 Disneylândia eldorado
 Vamos nós dançar na lama
 Bye bye adeus Gene Kelly
 Como santo me revele
 como sinto como passo
 Carne viva atrás da pele
 aqui vive-se à míngua
 Não tenho papas na língua
 Não trago padres na alma
 Minha pátria é minha íngua
 Me conheço como a palma
 da platéia calorosa
 Eu vi o calo na rosa
 eu vi a ferida aberta
 Eu tenho a palavra certa
 pra doutor não reclamar
 Mas a minha mente boquiaberta
 Precisa mesmo deserta
 Aprender aprender a soletrar

Nesses enunciados, é visível um posicionamento discursivo avesso frente a várias instâncias: tecnologia, elementos sagrados, bem como questões ligadas à nação, como pátria. Neste contexto, é pertinente os questionamentos de Foucault (2014a), por que um sujeito se posiciona de determinado lugar e não de outro? Nos enunciados em questão é visível uma negação a verdades pré-construídas sobre a pátria e o consumo; um sujeito que se coloca em uma plateia e que vai assistir a um show, fazendo referência à desordem social, como é evidenciado em “vamos nós dançar na lama”/“aqui vive-se à míngua”/“minha pátria é minha íngua”; falta de religiosidade “não trago padres na alma” e geração vazia em “mente deserta”. Dessa forma, é ilustrada uma resistência aos valores colocados no mundo moderno por novos dispositivos de poder-saber, em que os jogos de poder constituem um elemento chave na constituição dos sentidos do discurso.

A negação aos valores dados por esses dispositivos segue nos demais enunciados:

Não me diga que me ama
Não me queira não me afague
Sentimento pegue e pague
emoção compre em tablete
Mastigue como chiclete
jogue fora na sarjeta
Compre um lote do futuro
cheque para trinta dias
Nosso plano de seguro
cobre a sua carência
Eu perdi o paraíso
mas ganhei inteligência
Demência, felicidade,
propriedade privada
Não se prive não se prove
Dont't tell me peace and love
Tome logo um engov
pra curar sua ressaca
Da modernidade essa armadilha
Matilha de cães raivosos e assustados
O presente não devolve o troco do passado
Sofrimento não é amargura
Tristeza não é pecado
Lugar de ser feliz não é supermercado

O posicionamento no trecho acima aponta como o sujeito discursivo se inscreve no discurso consumista. Além disso, ressalta a rapidez dos tempos e as relações líquidas, em que o valor sentimental sede lugar ao material. Isto fica evidente em “Sentimento pegue e pague”/”emoção compre em tablete”, em referência às relações amorosas do mundo atual, em que os indivíduos se vendem, apontando para o mercado das relações amorosas. Esse regime de que trata da liquidez das relações amorosas é problematizado por Bauman (2001;2008), ao expor que a brevidade das relações tem se tornado uma prática discursiva abraçada por muitos grupos na sociedade contemporânea, conseqüentemente, tornando-se uma verdade para os indivíduos.

Esse discurso de relações passageiras entre os sujeitos é evidenciado em “Mastigue como chiclete”/”jogue fora na sarjeta”. A projeção para o futuro, no plano material pode ser percebida em “Compre um lote do futuro”/”cheque para trinta dias”/”Nosso plano de seguro”/”cobre a sua carência”, isto é, “carência” que emite um efeito de valores invertidos: do plano sentimental ao material. Por sua vez, Fernandes Júnior (2015), ao estudar os regimes que instituem a felicidade na contemporaneidade, discorre que há dispositivos que interpelam o sujeito ao dever de ser feliz, o que o aprisiona no imperativo de consumir. Tal apontamento, nesse contexto, explica a crítica do sujeito discursivo em *Piercing* em relação a essa concepção de felicidade.

Logo, evidencia-se o perfil de um sujeito conturbado, em que a dita felicidade é externada como farsa, dada pelo consumismo. Esse discurso pode ser percebido nos enunciados “Da modernidade essa armadilha”/“Matilha de cães raivosos e assustados”/“O presente não devolve o troco do passado”/“Sofrimento não é amargura”/“Tristeza não é pecado”/“Lugar de ser feliz não é supermercado”. Há uma contradição do sujeito ao se posicionar, de certa forma, feliz e independente, e ora infeliz por ser consumista, o que evidencia uma relação de forças entre o sujeito discursivo e o dispositivo do consumismo. Percebe-se um jogo entre o passado e o presente, em que o sujeito, em um tom diferenciado, diz “tudo que se planta, colhe” ao afirmar que “O presente não devolve o troco do passado”.

Considerando o processo de interpelação do indivíduo em sujeito na contemporaneidade, vale considerar as palavras de Foucault (2014a, p. 63):

As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; [...] A essas situações perceptivas é preciso somar as posições que o sujeito pode ocupar na rede de informações.

Esse discurso em que o sujeito joga com as questões temporais (presente e futuro), em relação aos valores morais e valores materiais, pode ser detectado no enunciado abaixo, inclusive fazendo referência entre o céu e inferno e, mais uma vez, jogando com o sagrado e o profano em relação ao sujeito moderno. Isto fica evidente em “Todo mundo quer quer”/“Quer subir na vida”.

O inferno é escuro
 não tem água encanada
 Não tem porta não tem muro
 Não tem porteiro na entrada
 E o céu será divino
 confortável condomínio
 Com anjos cantando hosanas
 nas alturas nas alturas
 Onde tudo é nobre
 e tudo tem nome
 Onde os cães só latem
 Pra enxotar a fome
 Todo mundo quer quer
 Quer subir na vida
 Se subir ladeira espere a descida
 Se na hora "h" o elevador parar
 No vigésimo quinto andar

Dessa forma, considerando o sujeito que fala na letra da música, este se constitui dentro de um posicionamento que integra valores na atualidade. No discurso, estão materializados essa posição de sujeito, nas condições de possibilidade (FOUCAULT, 2014) das práticas discursivas atuais (avanço da tecnologia, individualismo, materialismo, crise de valores tradicionais).

Considerando o conceito de dispositivo, segundo Veyne (2014), e a concepção de biopoder segundo Foucault (2011), depreende-se que, o sujeito discursivo presente em *Piercing* está preso em um jogo, em que é interpelado a consumir, a tratar as relações afetivas como mercadoria. Entretanto, como há relações de força em todo discurso, o mesmo sujeito que é preso por esse jogo, resiste a esse exercício de poder. Sendo que, ao passo que é levado a consumir, o sujeito discursivo é irônico com essa condição, ao mesmo tempo em que enxerga o consumo como condição de felicidade, ele também nega essa prática como verdadeira, e enquanto é pressionado por dispositivo religioso, ele também ironiza essa relação de forças, colocando o sagrado e o profano em plano de equidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise da letra de música *Piercing*, do compositor e cantor brasileiro Zeca Baleiro, foi possível compreender mais nitidamente os conceitos sujeito e discurso, da AD de linha francesa. A letra pode ser considerada como um campo fértil para se pensar a constituição de sujeito no mundo atual, envolvendo várias práticas discursivas. Dessa forma, o sujeito que é materializado nos enunciados se caracteriza como individualista, consumista e desprovido de valores tradicionais, como sentimento humano e religiosidade. Dessa forma, trata-se de um discurso que existe em função dos dispositivos de poder-saber que operam de forma estrutural em sua constituição.

O discurso materializa várias situações de subjetivação no contexto da modernidade (líquida), colocando em xeque valores atuais em detrimento de aspectos tradicionais, como a religiosidade e a filosofia, em que o sujeito joga com esses discursos. Nesse contexto histórico moderno, as verdades parecem superficiais, em que nada é sólido, passageiro e sem valor, inclusive é evidenciado o consumismo como sinônimo de felicidade, como condição de poder para estar na moda, para satisfazer aos olhos daquele que o vê. Em meio às práticas discursivas regidas pelos regimes de verdades pautados pelo mercado, o sujeito vai se

constituindo, ora resistindo ao sistema, se deslocando para outras ordens possíveis das práticas discursivas.

Há, nesse sentido, um regime de verdades que determina o consumo como prática essencial para se atingir a felicidade. E, por sua vez, a felicidade é dada como um objetivo “obrigatório” a todo sujeito inscrito nessa realidade histórica. Os poderes que jogam o sujeito discursivo nesse regime de verdade são muito fortes, não há outras opções de verdades que sejam acessíveis a esse sujeito pelo menos, não se ele queira pertencer a essa ordem do mundo moderno. Resta ao sujeito apenas resistir pela poesia, neste contexto, os enunciados da letra de música de Baleiro funcionam como mecanismo de resistência ao exercício de biopoder, que impõe a todo tempo ao sujeito: “compre, ame, trabalhe, creia, pareça feliz...”.

Notas

1 Para não parecer complexo, vale destacar que utilizamos o termo “moderno” no sentido de atual, na conjuntura do presente do sujeito em estudo.

2 Essa (des)uniformidade de produção discursiva, tendo em vista as relações de poder, provoca formações de identidades diferenciadas, inclusive no interior de uma mesma comunidade aparentemente fechada em relação a outras identidades.

Referências

Discografia

BALEIRO, Zeca. Piercing. Intérprete: ZECA BALEIRO. In: _____. *Vô Imbolá*. (MZA) Universal Music, p1999. 1 CD. Faixa 8.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos/SP: EdUFSCAR, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. A felicidade em práticas discursivas contemporâneas. In: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da (Orgs.). *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2015.

FOUCAULT, Michel. Estratégia, Poder-Saber. In: _____. *Ditos e Escritos IV*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010, p. 222-305.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1970-1980* (excertos). Organização Nildo Avelino. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Centro de Cultura Social/ Achiamé, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

VEYNE, Paul. *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa*. Tradução de Marcelo Jacques Morais. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Para citar este artigo

PEREIRA, Anísio Batista; LIMA, Maurício Divino Nascimento. “tire o seu piercing do caminho que eu quero passar”: o dispositivo poder-saber sobre o sujeito moderno em zeca baleiro. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 538-551, maio-ago. 2019.

Os autores

Anísio Batista Pereira é graduado em Letras (Português e suas respectivas Literaturas) e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG/RC); Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU/FAPEMIG), cujo projeto vincula-se à linha de pesquisa "Linguagem, sujeito e discurso"; Membro-Pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF – UFU/CNPq).

Maurício Divino Nascimento Lima é graduado em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG/Regional Catalão); Membro-pesquisador do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEFGO/UFU/CNPq).